

## Ulisses na selva: Meditações retardatárias sobre uma viagem aos confins do Acre<sup>1</sup>

Arno Vogel<sup>2</sup>

*Aos meus anfitriões no Alto Juruá, dedico com saudade.*

*“Pero, siempre hay una idea del ‘otro’ como alguien o algo incomprendible, que es de otro mundo.”  
Leopoldo J. Bartolomé<sup>3</sup>*

*“Aunque no pueda evitar las anécdotas, vuelvo al centro de los recuerdos...”  
Miguel A. Bartolomé.<sup>4</sup> (p.72)*

### Prólogo

A precisão do registro nem sempre coincide com a relevância do fato. Num momento da minha infância que não consigo determinar com exatidão tive meu primeiro encontro com a Odisséia. Estava lá, aquele que viria ser, desde então, o meu Primeiro Livro, pois, embora já lesse, não havia lido jamais um livro como este.

Era um belo livro. Continha a primeira tradução da Odisséia para o idioma alemão, cuidadosamente elaborada por Johann Heinrich Voss, e apresentada ao público, em 1781, numa versão, ainda hoje, considerada canônica. Schiller gostava dela, pois, a utilização da forma métrica do pentâmetro parecia-lhe particularmente adequada para gerar, na língua alemã, efeito equivalente ao do hexâmetro grego<sup>5</sup>.

Belo era também o exemplar, em formato de bolso, e couro de elegante textura; impresso em papel couché, com dourações nas laterais, além de graciosas vinhetas ilustrativas, numa técnica da qual não tenho certeza – água-forte, talvez. Às vezes costumava folheá-lo só para recordar a história, por meio da seqüência dessas imagens, ao mesmo tempo, fortes e delicadas.

Atraído pelo aspecto sedutor do livro tratei de abri-lo ao acaso. Percorri as páginas. Fui de canto em canto, para ver se conseguia possível descobrir do que tratava o enredo. Depois me detive no início de um deles e comecei a desvendar o texto. Em voz alta lia para mim mesmo aqueles versos, que, tão diferentes e estranhos, por vezes, em seu modo de narrar e descrever objetos, paisagens pessoas e acontecimentos. Sua modulação rítmica lhes dava um andamento agradável. A forma rebuscada, arresadada até, do enunciado épico de Homero, porém, era tão estranha, aos meus ouvidos, quanto,

---

1 A Vera Vogel, Brígida Renoldi, Carlos Abraão Moura Valpassos e Majoi Ainá Vogel, agradeço as primeiras leituras críticas, as sugestões e o carinhoso apoio.

2 Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

3 Bartolomé, 2005, p. 12.

4 Bartolomé, 2002, p. 72.

5 Voss não fazia, aliás, neste ponto, mais do que seguir o cânone de Stolberg, em sua brilhante recriação da Ilíada (1778).

aos meus olhos, o panteão dos deuses gregos.

O empreendimento era ousado, para quem ainda não tinha passado da escola primária, e, em certa medida, improvável. Os acontecimentos e seus protagonistas me eram totalmente desconhecidos. Como desconhecidos eram também uma infinidade de termos com seus respectivos referentes. A redundância de metáforas inusitadas, os modos de falar altissonantes, tudo isto não deixava de me causar estranheza. Apesar de tudo isto, li toda a *Odisséia*. E logo em seguida, a *Ilíada*, que devorei, num exemplar gêmeo do anterior, em minha ansiedade de conhecer os homens e os acontecimentos, aos quais me tinha, tantas vezes, remetido a *Odisséia*.

Aos poucos fui me acostumando ao ‘mar cor de vinho’, à ‘aurora de róseos dedos’, às ‘palavras aladas’; bem como à ‘de glaucos olhos’; e à ‘de tranças bem feitas’, e não menos à ‘de cândidos braços’. Comecei a antecipar os momentos destinados à continuidade da leitura. Fascinado, comecei a roubar tempo das minhas atividades escolares, não sem as devidas reprimendas. Cheguei até mesmo a dedicar-me à *Odisséia*, minha preferida, às escondidas. Condenada ao silêncio, essa leitura furtiva tinha bem menos graça. Bom era escutar o som das palavras, imaginando como deveriam ser proferidas; com que entonação; e que sentimentos deveriam acompanhá-las, talhados para cada ocasião. .

Mais tarde, ao recordar essa experiência, muitas vezes me perguntava perplexo como explicar que um rapaz impúbere, pouco versado, ainda, no universo das letras, tinha podido vencer a longa travessia dos quarenta e oito cantos desses dois grandes dramas épicos, do Ocidente.

Essa perplexidade retrospectiva só viria a se desfazer, muito mais tarde, de forma absolutamente inesperada e desconcertante, numa tarde de canícula amazônica, e num ponto do ignoto Alto Juruá. Como havia chegado até aí, e o que fazia naquelas paragens, mais longínquas então do que nos dias atuais, é algo que, três décadas passadas, continuo recordando, nem sempre com a nitidez desejável, e que não é de modo algum irrelevante para os fatos que pretendo narrar.

Com Anthony Seeger, meu professor, no Museu Nacional, e companheiro de viagem, integrava uma missão de pesquisa, cujo objetivo era, sob a chefia de Tony, colher os subsídios indispensáveis para uma futura demarcação das terras indígenas do Alto Juruá. Dos beneficiários desta ação de política indigenista se sabia, então, pouco mais do que nada. Por isso fomos encarregados de fazer um survey. Este consistia em localizar e visitar os atuais ‘ocupantes’ dessas terras, e seus possivelmente futuros ‘titulares’. Deveríamos descobrir quem e quantos eram; como viviam e de quê viviam; e, em decorrência disso, qual a extensão necessária e suficiente de território para que se pudessem manter e reproduzir, nos termos da própria cultura<sup>6</sup>.

Não é, entretanto, da “Expedição do Museu Nacional aos Confins do Acre”, como gostávamos de chamá-la, entre nós, com um misto de orgulho e galhofa, que pretendo tratar. Isto terá de ficar para outro momento e finalidade diversa da que me traz aqui, embora tenha significado o meu verdadeiro ingresso na confraria, como pude constatar, mais tarde, graças à honrosa concessão da Ordem dos Amigos da Capybara, cujo diploma continua em meu poder como recordação preciosa do meu período de noviço.<sup>7</sup>

---

6 Era isto, em suma, o que desejava saber a FUNAI, que nos havia contratado, com a interveniência do Departamento de Antropologia do Museu Nacional / UFRJ.

7 O documento que assim chamo é uma carteirinha plastificada muito singela sobre a qual se vê uma capivara, acompanhada do dístico Venerável Ordem dos Amigos da Capybara.

Quero, antes, contar a história, que, para mim, será sempre a epítome desta minha primeira aventura etnográfica.

É, na verdade, uma história dentro de outra, que é, por sua vez, parte de uma terceira, ela mesma, capítulo de uma quarta narrativa. Dos vários episódios de uma viagem, sob todos os aspectos, memorável, é o mais enigmático, e, talvez por isto mesmo, o mais profundamente inscrito na recordação do viajante. Mas os relatos de viagem devem ser algo mais do que as lembranças dos que regressaram.<sup>8</sup>

A muitos esta história poderá parecer fantasiosa. Aconteceu, porém, tal e qual e me causou, naquele então, o mesmo impacto que provoca, sempre, quando, para fazer graça, entre amigos, como aqui, cedo à tentação de contá-la uma vez mais. Ainda hoje, passados quase trinta anos, tem o condão de acender o semblante dos que a escutam. Gosto de acreditar que nele se reflete o meu próprio e inesgotável espanto diante do acontecido. Ao constatar a surpresa deles, me volta, imediatamente, o meu próprio assombro e, com ele, um sentimento de maravilha e um inesperado prazer.

### **Com Homero no Alto Juruá**

Tudo se passou num longo e abafado dia do ‘inverno’ amazônico de mil novecentos e setenta e oito, numa data precisa do mês de janeiro. Fazer esse registro, aqui, seria ceder à tentação de um efeito referencial tão pobre quanto inútil. O cenário é uma das muitas ‘voltas’ do Alto Juruá, cuja localização exata nunca soube. Seu aspecto, no entanto, é uma das paisagens perenes que trago na memória, vívida como da primeira vez.

Graças à cortesia de um seringalista da região, tínhamos conseguido em Cruzeiro do Sul, espécie de prefeitura do Alto Juruá, um batelão com motor-de-rabeta. A bordo dele, fomos, durante cinco dias e duas noites, navegando Juruá acima, rumo à fronteira do Acre com o Peru.

Vagarosamente vínhamos desenrolando, volta após volta, estirão trás estirão, os intermináveis meandros deste que é o mais sinuoso dos afluentes do Solimões. Às vezes, quando através de algum ‘furo’ descortinava, a uma escassa centena de metros, a mesma curva que havíamos passado há cerca de uma hora, assaltava-me a impressão inquietante de que não saíamos do lugar.

Apesar disso havíamos progredido. A Boca do Moa; o Igarapé (e Seringal); Valparaíso; a Barra do Juruá – Mirim; e também Porto Valter tinham ficado para trás, como tinha ficado para trás a Vila de Thaumaturgo, na foz do Rio Amônia, e, depois dela, a Boca do Tejo. Tínhamos já passado o Acuriá, igarapé onde nos havíamos banhado e lavado as roupas enxovalhadas pela navegação de quase uma semana. E ainda tínhamos viajado uma noite inteira e mais metade da manhã ensolarada que a dissolveu. Embora ainda não o soubéssemos, apenas dois dias nos separavam do Posto de Fronteira do Brasil, localizado junto à Foz do Breu, face ao território peruano.

Tudo parecia correr bem, quando ouvimos um estampido de mau agouro proveniente do motor da embarcação. No instante seguinte, vimo-nos à deriva, montados sobre o dorso do Juruá, cor de caramelo, com sua vazão lenta, densa, poderosa e impressionante pelos seus rodamos e remansos que ocultam mais perigos do que o navegante gosta de imaginar.

---

8 Mélich, 2000, p. 131.

José e João, nossos ‘motoristas’, filhos, ambos, dum exímio ‘barqueiro’ cearense do Juruá, e como ele ‘práticos’ de sua navegação, explicaram o problema – “A junta do motor queimou”, constataram, quase em uníssono. Uma junta queimada é um diagnóstico desolador, para quem, ainda há pouco, sentia o mal disfarçado orgulho de estar rumando ao encontro dos confins ocidentais do Brasil.

Em sobressalto, vendo já comprometida toda a expedição, pronunciei uma exortação enfática, dirigida aos dois irmãos. Falei dos efeitos possivelmente desastrosos de sua imprevidência para o êxito da nossa missão, cujo teor me pareceu oportuno recordar-lhes, com palavras um pouco ásperas, talvez. Lembrassem que havíamos sido contratados – nós, em primeiro lugar, mas também eles, por nosso intermédio – para uma tarefa de grande responsabilidade e urgência: fazer o levantamento das populações nativas (usei o termo local ‘caboclos’) do Alto Juruá, com vistas à próxima delimitação de suas terras, como era de justiça e decisão firme do Governo Federal. Tratei de enfatizar o adjetivo, porque já me havia dado conta de que, independente do substantivo ao qual se referisse, despertava no espírito dos interlocutores um indefectível sentimento de temor reverencial.

Os irmãos ouviram essa arenga com um respeitoso, porém evidente, pasmo. É claro que sabiam da importância de nossa missão. Quanto à junta, não havia porque alarmar-se. Muito em breve o problema estaria resolvido. O remédio era simples, sentenciaram – “Tem que substituir!” Segundo eles, uma operação sem mistério: era abrir o motor, tirar a peça danificada, e substituí-la por outra, boa. Quis acreditar nesta solução, fácil e imediata, como parecia. Mas logo caí em mim, quando soube que não havia sobressalente, nem qualquer outra peça de reposição, além das velas de motor que eu mesmo tinha comprado, no último instante, ainda em Cruzeiro do Sul.

José, no entanto, não se deu por achado. Com aparente tranqüilidade começou a recortar, num papelão grosso, uma junta substituta. Foi ligar o motor e a “junta” queimar. E creio que apenas neste momento realizamos o que significaria seguir rio, naquelas condições – à deriva... Enquanto o batelão começava a deslizar lentamente rio abaixo, carregado pela corrente, José improvisou uma segunda vez. Agora com nova matéria prima – um pedaço de folha-de-flandres, que tampouco resistiu aos primeiros giros do motor-de-rabeta.

Novamente ao sabor das águas, realizamos o que seria descer aquele caudal que as chuvas fortes e prolongadas dos últimos dias anterior haviam tornado mais impetuoso. E mais perigoso, também, em virtude do aumento, em dimensão e força, da correnteza, que se encrespava ameaçadora, girando em poderosos redemoinhos e remansos. Com o humor indispensável às situações de risco, pensávamos, não somente nesses sorvedouros sinistros, mas também nos temíveis ‘tocos’ – grandes troncos da mais dura madeira de lei – que podiam ocultar, para desgraça de um navegante à deriva.

Quando já nos aprestávamos para vogar mais ordenadamente, usando remos e varejões para estabelecer o rumo, ocorreu a providencial intervenção de um morador das cercanias, que tinha visto, de longe, os nossos apuros. Perto dali, na outra margem e para nossa grande sorte, morava um ‘ferreiro’, informou. A ele poderíamos encomendar uma junta nova. Antes do final do dia, estaríamos novamente a caminho.

Acreditamos nele. Desejávamos que assim fosse e, finalmente, não nos restava qualquer alternativa. Resolvemos, portanto, navegar ao encontro daquele, oxalá, fino artesão, de cuja habilidade esperávamos, naquele momento, nada mais do que um milagre. Em processo de deriva controlada iniciamos a travessia. Com surpreendente pertinácia, José inventara um terceiro remendo de junta,

para o qual teve de desmontar a moldura do nosso único espelho. Este ‘gatilho’, finalmente, também teve vida curta, mas longa o suficiente para nos fazer aportar no local indicado.

O ‘ferreiro’ morava no alto de um barranco, que caía, de uma altura de mais ou menos dez metros, abruptamente, para dentro do leito do rio, como uma pequena falésia rubra, formada pelo fenômeno das terras caídas. Vencido este barranco íngreme, e, depois dele, uma senda estreita, talhada numa vegetação de capim alto entremeadado de arbustos, avistamos a casa do sujeito em cujas mãos estávamos prestes a cair os destinos da expedição do Museu Nacional ao Alto Juruá.

Era uma casa ao estilo regional: sobre estacas, à certa altura do chão, com assoalho de estipe de paxiúba; paredes de tábuas aparelhadas, sem pintar; cobertura de folhas de jarina trançadas uma porta e duas janelas para o rio, e mais uma janela de cada lado, além da porta dos fundos. O acesso se dá galgando os degraus entalhados num tronco, recolhido, à noite, para tornar a casa inexpugnável a todo bicho que não suba escada.

Diante dessa casa, um terreiro de areia se espalhava ao redor de um charco pardacento, onde chafurdava uma porca com meia dúzia de bacorinhos. À beira deste lamaçal, cujos limites se haviam estendido recentemente graças aos aguaceiros do ‘inverno’, brincavam três crianças, entre os três e os sete, mais ou menos, vestindo camisetas sem manga e peladas da cintura para baixo. Ao avistar os forasteiros, correram para dentro de casa, levando a notícia. Levando a nota para dentro de casa.

De lá emergiu, então, um homem de estatura mediana e barba por fazer, precedido por um ponderável ventre. Calça velha de riscado, camiseta sem mangas e sandálias havaianas, piscava a contraluz, como quem acaba de despertar de uma longa sesta. Era o ‘ferreiro’.

Feitas as apresentações, escutou, entre um e outro bocejo, o relato das nossas recentes agruras; sem sinal de pressa, até a última palavra. Em seguida coçou a barba, depois a coroa de cabelos grisalhos curtos, ao redor da calva, e, por fim, balançou a cabeça. Era preciso recortar uma junta nova, ponderou, vagueando com a vista pelo terreiro, como quem procura algo. De repente, seus olhos se detiveram no charco. Subitamente enérgico, dirigiu-se a um dos pequenos seminus, que haviam se aproximado para ouvir a conversa: - “Vá lá, menino, e pegue aquele alumínio!”, ordenou.

Sob nossos olhares incrédulos, o menino chapinhou até o meio do lodaçal, espantou os porcos, que fugiram aos guinchos e grunhidos, e retornou, erguendo, triunfante, uma bacia velha – o necessário e almejado ‘alumínio’! De posse da bacia imunda, o ‘ferreiro’ revirou-a nas mãos, com ares de mestre do ofício, para, em seguida, decretar: - “Esta serve!”.

Tony e eu nos entreolhamos alarmados. Depois perscrutamos os semblantes dos nossos ‘motoristas’, somente para constatar, com um vago terror, que estes aprovavam a escolha, sem reservas... Sem se aperceberem da nossa apreensão, os três se reuniram ao redor de uma velha mesa, sobre a qual jaziam na mais completa desordem as ferramentas do artífice. Após abrir algum espaço, este se apoderou de uma marreta de madeira e com uma saraivada de golpes tão vigorosos quanto certos transformou a velha bacia numa folha metálica de bordos chanfrados e aparência repugnante. Aparentemente feliz com a sua recente criação, o artífice começou a riscar sobre a mesma, com a ponta de uma tesoura velha, o molde da junta danificada.

A operação toda estava longe de inspirar confiança. Nem mesmo a satisfeita tranquilidade com que João e José acompanhavam este procedimento ajudou a mitigar, por pouco que fosse, o crescente

ceticismo quanto ao êxito desse improviso. A situação era penosa. O desmedido sol equatorial era quase tão insuportável quanto o odor fétido do charco. O sentimento de impotente cumplicidade diante daquela tosca e chocante heterodoxia tecnológica, somado à sanha dos mosquitos, mais numerosos e audazes do que nunca, tornava a tarde cada vez mais longa e opressiva. Quando, finalmente, todas as não sei quantas juntas improvisadas se revelaram incapazes de restaurar a compressão do motor, resolvemos despachar um dos ‘motoristas’ e o ‘ferreiro’ rio acima para conseguir outro motor, emprestado ou alugado.

Esperaríamos por eles a bordo do batelão, onde tratamos logo de meter-nos em nossas redes, envoltas em mosquiteiros, preparando-nos para uma espera cuja duração parecia imprevisível. Para fugir à ansiedade das antecipações, que a espera inevitavelmente traz consigo, resolvemos dedicar-nos à leitura.

Mas qual leitura? Diários e cadernos de campo faziam parte da mais estrita intimidade do etnógrafo, como Tony me dissera, dias antes, a propósito de uma consulta que eu desejava fazer às suas anotações. Restavam os livros. Eram poucos. Apenas três, na verdade: uma monografia etnográfica sobre os Sharanaua<sup>9</sup>; uma antologia dos poetas místicos ingleses dos séculos XVI e XVII, da editora Pengüin; e um exemplar da *Odisséia*, publicada na coleção ‘Clássicos de Bolso’, pelas Edições de Ouro, na tradução de Carlos Alberto Nunes para a língua portuguesa<sup>10</sup>.

A decisão foi fácil. Venceu o poema épico, que já tínhamos começado a ler, numa parada anterior. Para esta ocasião, Tony sugeriu “*Ulisses na Ilha dos Feácios*”, ou seja, os Cantos VI e VII da *Odisséia*.

A divisão em Cantos ou Letras<sup>11</sup> é atribuída aos Alexandrinos, esses *graeculi* da Ásia Menor e do Egito – integrantes das comunidades mestiças, “que nossos eruditos chamam ‘helenísticas’, em oposição às velhas cidades e aos nobres povos da história propriamente ‘helênicas’<sup>12</sup>”. Os grandes gregos de Atenas, Esparta, Quíos ou Mileto, reconheciam, na *Ilíada* e na *Odisséia*, apenas episódios, com princípio, meio e fim, e cada qual com seu nome. Os dois Cantos compreendem, neste sentido, para além da repartição arbitrária dos ‘pequenos gregos’, à *Chegada de Ulisses à Ilha dos Feácios* e sua *Entrada no Palácio de Alcínoo*, respectivamente<sup>13</sup>.

### **Ulisses na ilha dos Feácios**

De uma já distante aula de literatura clássica emergiu, então, a lembrança do ‘belo falar’. Este não se limitava apenas à escolha criteriosa das palavras e estrita obediência à variedade e cadência dos ritmos, além do andamento harmônico do relato, pois, “o belo falar dos Helenos era, sobretudo, o belo som da voz”<sup>14</sup>, numa verdadeira proeza vocal, musical e rítmica, à qual davam o nome de eufonia ou califonia, ideal que valorizavam em pé de igualdade com o da ‘bela morte’.

Aprestando-me para a leitura, tratei de impostar a voz, projetando-a no espaço daquela tarde que, lenta, densa e majestosa, à imagem do Rio Juruá, se arrastava inexoravelmente em direção a um

---

9 Ver Siskind, 1975.

10 Aqui cito a terceira e ‘definitiva’ edição, publicada, sem data, pelas Edições Melhoramentos.

11 As letras eram para eles cifras, razão pela qual adotaram como critério para dividir a *Ilíada* e a *Odisséia*, as 24 letras do seu alfabeto. (Cf. Bérard, 1945, p. 39-40)

12 Cf. Bérard, 1945, p. 17.

13 Cf. Bérard, 1945, p. 195

14 Cf. Bérard, 1925, p.98.

anoitecer cheio de incertezas. Como toda narrativa se refere, imediatamente, à sua pré-história, meus pensamentos derivaram, durante alguns instantes, para o episódio precedente. Ulisses conseguira, finalmente, libertar-se dos encantos ambíguos de Calipso.

Após dezessete dias, com suas respectivas noites, mantendo sempre à sua esquerda a constelação da Ursa (ou do Carro) – “a única que não se banha no Oceano” – Ulisses navegara. Quando já surgiam no horizonte os contornos da Ilha dos Feácios, e “já o coração se alegrava no peito do triste coitado” /, Poseidon o avistara em sua ‘jangada bem feita’. Não obstante a decisão tomada pelos deuses, garantindo ao ‘divino e sofrido varão’ regresso à sua Ítaca natal, o colérico deus decidira, uma última vez, castigá-lo por seu papel no destino funesto de Ílion, sua protegida, fazendo-o naufragar. A vontade da assembléia dos eternos, entretanto, prevalecera e o herói conseguira aportar ao ‘lindíssimo curso do rio’, junto ao qual, finalmente, sucumbira ao sono.

\* \* \*

Comecei, então, a recitar os versos iniciais do Canto VI da Odisséia:

“Dessa maneira o divino e sofrido Odisseu repousava, / pelo cansaço vencido e também pelo sono. Mas Palas / se dirigiu para à terra e cidade dos homens Feácios, / que em tempos idos moravam nas vastas planícies da Hipéria, / junto dos homens Ciclopes, soberbos acima de todos, / que lhes os bens depredavam por serem de muito mais força. /”

Eis, portanto, o herói em seu momento de maior desamparo. Náufrago, exausto, e inconsciente – vencido pelo mar, vencido pelo cansaço e vencido pelo sono. “Desfigurado pela salsugem”, como assinala o poeta, constatando seu estado de completa destituição: Estranho, em terra estranha, nem mais se parecia consigo mesmo. Atirado à praia da ‘amorável Esquéria’<sup>15</sup>, ‘terra e cidade dos homens Feácios’, não passava de uma ‘res nullius’, tocada pelas marés do mar e do destino. Era, em resumo, um forasteiro fugitivo da fúria dos ventos e vagalhões, e da feroz vingança de um deus eterno, que aqui se encontra, reduzido à sua essencial humanidade pelo sofrimento.

Atena, porém – ‘a de glaucos olhos’ – sua antiga e fiel intercessora nas tempestuosas assembléias do Olimpo, trama em seu favor. Em sonho, ela aparece à jovem, e bela, Nausícaa, princesa dos Feácios, sob o semblante de uma de suas amigas preferidas. Entre carinhosa e premente, recorda-lhe que o dia do seu casamento se aproxima, e que nesta data deverá, para a alegria de seus pais e complacência do povo, apresentar-se em vestes de gala. Ordena-lhe que vá lavar, no rio, as peças de fino linho da família real.

Ao despertar, admirada com o próprio sonho, Nausícaa, resolve contá-lo aos pais – Alcínoo e Arete – na sala do palácio. Em seguida, solicitou-lhes ‘a carruagem e as mulas de cascos possantes’, com que pensava, juntamente com as amigas de seu séquito, deslocar-se para um lavadouro distante da cidade, para cumprir o mandato inspirado pelo encontro onírico. Garantido esse desejo, a princesa e suas damas de companhia e folguedo, vão lavar ‘os cintos e peplos, e as belas cobertas’ na foz do pequeno rio, junto ao qual Ulysses dorme oculto e extenuado.

Após a lavagem, durante a qual rivalizaram umas com as outras em matéria de empenho e perícia,

---

15 Trata-se, como asseguram os conhecedores das navegações de Odisseu, da ilha de Córçira, ou Corfu, (Cf. Bradford, 1984, p. 235)

as moças estenderam a roupa sobre os seixos, ao longo da praia, para que secasse ao sol, e, livres da tarefa que lhes tinha encarregado a princesa, banharam-se nas águas mansas e frescas do rio, em companhia de sua senhora. Nausícaa trouxera “óleo líquido num frasco de ouro, para com as servas ungir-se, depois que do banho saíssem”. Assim procederam as ‘meninas de tranças bem feitas’. Depois almoçaram e jogaram bola, na beira do rio, alegres e espletadas, como o podem ser apenas os bandos de adolescentes.

E foi este alarido que acordou Ulisses. Mal desperto, ainda, o herói começa a se preocupar, novamente, com a própria sorte, como nos revelam suas primeiras palavras – “Pobre de mim! A que terra cheguei? Quais os homens que a habitam? / São, porventura, selvagens violentos, que as leis desconheçam, / ou de estrangeiros amigos, e afeitos ao culto dos deuses? / ” (p.96)

Com esse lamento e um ramo que lhe encobre as vergonhas, ele deixa, então, seu esconderijo entre as folhagens, para junto do qual tinha rolado a bola, por artimanha de Atena, e, ‘como leão montanhês’, avança em direção às jovens, e que “desfigurado aparece-lhes pela salsugem marinha”. Imagine-se o alvoroço que causa este encontro inesperado.

O próprio Ulisses, experiente como poucos, fica indeciso ao deparar-se com Nausícaa, na glória de sua beleza juvenil. Devia abraçar-lhe os joelhos? Ou devia rogar, à distância, com palavras doces, a clemência daquela moça de beleza e porte singulares? Confiado na sua notória habilidade com as palavras e, prudente, como sempre, nas situações delicadas, ele escolhe a última dessas alternativas, quando se dirige a princesa:

“Os joelhos ora te abraço senhora; és mortal ou divina? Se uma deusa tu foras, daquelas que o céu vasto habitam, é a Ártemis, principalmente, de Zeus poderoso nascida, que te comparo, na forma elegante e elevada estatura. Mas se pertences na raça dos homens que vivem na terra, julgo três vezes feliz ser teu pai e sua nobre consorte, três vezes, sim, teus irmãos. Quanto deve no peito estuar-lhes o coração, por tua causa, movido de pura alegria, ao contemplarem nos bailes criatura de tanta esbelteza! Mas, sobre todos, feliz no mais íntimo aquele que a casa vier a levar-te depois que exceler-se nos dotes da noiva, pois os meus olhos jamais contemplaram entre quaisquer dos mortais; reverente me deixa tua vista” (p.97)

Nestes termos, o herói inicia o seu diálogo com a bela Nausícaa. Em seguida faz referência à sua recente salvação ‘do mar cor de vinho’, onde naufragou procedente de Ogígia, do agora distante antro de Calíпсо. Lá padecera sete longos anos de saudade, longe de sua terra natal e do seu lar, em Ítaca, onde o esperam, a mulher fiel, o filho, que deixou menino, e o velho pai, que teme não encontrar mais entre os viventes. Temeroso, se diz, de que novos infortúnios o aflijam, pois teme os humores dos deuses, concluindo – “Por isso tudo, senhora, te imploro piedade; primeiro que a ninguém mais te suplico na angústia, porque não conheço / dos habitantes nenhum que demoram por estas paragens / Mostra onde fica a cidade e um pedaço de pano me cede / para cobrir-me, se acaso o trouxeste envolvendo tua roupa”. / (p.97).

Ao mesmo tempo em que trata de apaziguar suas servas espantadas pela presença insólita de Ulysses, a filha de Alcínoo tranquiliza-o, com relação à índole dos seus Feácios, que não temem os estrangeiros mendigos, errantes e infelizes, sobretudo quando, como neste caso, vêm de Zeus. Deles é preciso cuidar, proporcionando-lhes as dádivas indispensáveis. Por isso ordena: “Ora, criadas, ao hóspede daí alimento e bebida, / e ide banhá-lo no rio, em lugar protegido dos ventos”. / (p.98)



Do que podem fazer um banho; um frasco de óleo puro; uma túnica; e um manto, dá conta a figura do herói, quando reaparece aos olhos das jovens – “muito mais digno de ver e mais forte caindo-lhe os cachos / em caracóis, da cabeça, tal como os da flor do Jacinto. /” (p.99)

Belo e charmoso como nunca, Ulysses tem, agora, por obra de Atena, que lhe infunde graça e beleza divinas, uma aura, cujo resplendor influencia decisivamente a opinião que dele concebe Nausícaa: “Logo a princípio, em verdade, indivíduo vulgar pareceu-me; / mas vejo-o, agora, tal como um dos deuses, que moram no Olimpo”, / observa a princesa, acrescentando, imperiosa – “Ora, criadas, ao hóspede daí alimento e bebida”. / (p. 99)

Restaurado o herói, vêm de Nausícaa as indicações que este lhe havia pedido, com palavras súplicas. Deve segui-la em direção à cidade, onde há de mostrar-lhe a suntuosa residência de seus genitores. Além de apontar-lhe o caminho, a jovem proporciona-lhe as instruções indispensáveis para que possa ele encontrar, por fim, a ansiosamente almejada acolhida: Logo que chegue à soleira da magnífica morada, não vá ele deixar-se fascinar pelo suntuoso pátio de entrada; nem pelos nobres aposentos onde arde, perene, o fogo da lareira:

“Não te detenhas aí, mas procura abraçar os joelhos / de nossa mãe, porque possas rever o teu dia da volta / sem mais demora, ainda mesmo que te aches mui longe da pátria. / Caso te escute e em seu peito propícia se mostre à tua sorte, / podes a esp’rança afagar de rever os amigos, e a casa / bem construída voltar, assim como ao torrão de nascença”. (p.101)

Ditas estas palavras, a princesa segue, à frente, dirigindo o carro, no encaço do qual vão suas companheiras. Entre elas caminha o agora resplendente herói. Juntos dirigem-se ao bosque sagrado de Atena, onde se detêm, à sombra dos ‘negros álamos’, junto a uma fonte que um prado verdejante circunda. Ali o herói deve esperar o momento certo para dirigir-se à cidade, em busca do palácio em que mora a princesa.

Novamente entregue a si mesmo, o paciente Ulisses eleva uma prece à filha do poderoso Zeus, implorando-lhe, premente: “Ouve-me agora, oh donzela invencível, de Zeus proveniente! / Dá-me atenção, já que dantes em balde te enviei meus gemidos, / quando me fez naufragar o deus forte de escuros cabelos. / Fazes que os Feácios de mim se apiedem e amigos se mostrem” /. (p.101).

Enquanto, ao longe, desaparece o séquito das donzelas, e Ulisses, uma vez mais, se empenha em conquistar a deusa dos olhos azuis para o empreendimento ousado, o véu da noite vai cobrindo, lenta e suavemente, essa terra de exímios navegadores, que, em seus ‘navios simétricos’, cruzam os mares inconstantes.

Chega o momento de partir para a cidade. Temerosa, embora, do temperamento iracundo de Poseidon, seu tio paterno, nem por isso Atena desampara o seu afilhado. Astuciosa, envolve-o numa névoa espessa, que lhe permitirá aproximar-se do objetivo, sem ser visto nem reconhecido como estrangeiro.

Adiante, entretanto, a deusa o acode, em pessoa. Sob a forma de uma menina, graciosa com sua vasilha de barro, ela se propõe a conduzi-lo ao local exato onde se ergue o majestoso lar de Nausícaa. Recomenda, no entanto, a maior cautela: Que siga calado, sem olhares ou palavras dirigir a quem quer que seja, no caminho, pois, como lhe explica – “Os moradores daqui não recebem nenhum forasteiro / de boa mente, nem dão acolhida aos que vêm de outras terras” /.

Ao final do silencioso trajeto, a filha de Zeus dirige-lhe a palavra, para anunciar que haviam chegado ‘ao palácio admirável de Alcínoo’, acrescentando conselho e informação preciosos; os mesmos, aliás, que, anteriormente, lhe havia oferecido também Nausícaa: “Vai para dentro, não mostres receio. / Quem tem coragem consegue levar a bom termo as empresas / em que se mete, ainda mesmo que venha de terra estrangeira. / Primeiramente, hás de a dona da casa encontrar na ampla sala. / Tem ela o nome de Arete (...)” (p.104/105)

Atena recita-lhe, em detalhe, a genealogia da rainha, prezando suas qualidades pessoais; seu prestígio, entre os senhores e o povo de sua terra; bem como seus notáveis dotes de julgamento, hábil que era em dirimir contendas e litígios. “Caso te escute e em seu peito propícia se mostre à tua sorte, / podes a esp’rança afagar de rever os amigos, e à casa / bem construída voltar, assim como ao torrão de nascença.” (p.105) – promete-lhe, ainda, a deusa, com palavras animadoras, antes de retornar, ‘por sobre o mar infecundo’, ao Erecteu, templo que lhe era consagrado em sua bela e douta Atenas.

No limiar do palácio, Odisseu hesita tomado de admiração. Como se, por um momento tivesse esquecido o motivo que o trouxera às portas da “morada de teto elevado de Alcínoo magnânimo”, seus olhos vagueiam, deslumbrados, pelos ambientes que se lhes descortinam. Em cada um deles descobrem as dádivas extraordinárias com que os deuses tinham cumulado o rei e sua nobre consorte: A sala de banquete dos chefes Feácios, primeiro, com seus cães de guarda, em ouro e prata finamente lavrados pelo divino ferreiro Hefesto, e infensos ao tempo que não os consegue envelhecer; depois, o grande salão, onde cinqüenta escravas fiavam e teciam o linho, para transformá-lo em obras de arte de beleza inigualável, graças à perícia que lhes havia prodigalizado a própria Palas Atena; e, não por último, todo emoldurado por cercas vivas, o pomar mágico, onde não falta, em qualquer estação do ano, frutos os mais doces e variados, que amadurecem sem nunca se estragarem.

Ainda mal saciados os olhos de tantas maravilhas, Ulisses ultrapassa a soleira e penetra no palácio. Com passo decidido progride até o trono de Arete, cujos joelhos o herói abraça, no instante mesmo em que a bruma densa, em torno dele, se dissipa e de sua boca saem as palavras de súplica, apropriadas à ocasião:

“Filha de Rexenor, semelhante a um dos deuses, Arete! / Pós ter passado trabalhos sem conta, de ti me aproximo, / de teu esposo e dos outros convivas. Os deuses lhes dêem / vida feliz, e que deixe cada um para os filhos tesouros, / que no palácio ajuntaram, bem como honrarias do povo. / Dai-me, porém, uma escolta que à pátria, depressa, me leve, / pois sofrimentos suporto, há bom tempo, distante de casa.” / (p.107)

Formulado, finalmente, na instância certa, com palavra e gesto adequado, e concluído, por fim, o discurso desse herói de astúcia e paciência, vai ele sentar-se, humilde, nas cinzas da lareira. Ergue, então, a voz Equeneu, dentre os senhores Feácios o mais velho. Intercedendo em favor do forasteiro, dirige a Alcínoo a seguinte exortação: “Vamos! Levanta o estrangeiro e o conduz a sentar-se em poltrona / cheia de ornatos de prata; em seguida aos arautos dá ordens / para que o vinho misturem, e todos a Zeus ofertemos” / (p.107)

Assim procede Alcínoo. Erguendo o estrangeiro do borralho, trata de conduzi-lo para os cinzas. Olimpo, ao trono resplandecente, de onde desloca o amado filho Laodamante, para honrar seu hóspede. À sua ordem, aportam-lhe a água lustral, para as mãos, além do pão, para a fome, e do vinho, para a sede do sofrido viajante. Finalmente, o anfitrião anuncia, com palavras solenes, a

decisão de repatriar seu hóspede, com a maior rapidez e segurança. Na manhã seguinte, participarão todos do ‘sacrifício das vítimas sacras’, conquistando os deuses eternos para o humano feito ousado. Cumpridos assim os ritos públicos da hospitalidade, os demais reis Feácios se retiram.

No palácio, entretanto, que vai, aos poucos, mergulhando em penumbra, Alcínoo e Arete permanecem na companhia do hóspede amigo. Ambos procuram, em conversação amena, cuidadosamente, indagar da sua condição – se um deus é, ou um ser humano, como os demais, que sobre a terra perambulam, cumprindo as sentenças pronunciadas pelas Parcas. Banhado, ainda, em sua aura, presente precioso de sua sempiterna protetora Atena, responde, com sinceridade desarmante, Ulisses: –: “(...) sou simples mortal transitório, / tal como os homens, que estais habituados a ver, experientes / no sofrimento; com esses em dores presumo igualar-me”. / (p.108)

“Quero, estrangeiro, primeiro que todos, fazer-te perguntas: / Qual o teu nome? De onde és? Quem te deu estas roupas que trazes? Não nos disseste que vieste até aqui, pelo mar, sempre a nado?” (p.109) Assim o inquire Arete, atenta à praxe com que cumpre tratar os estrangeiros que se acolhem à lareira do palácio.

O ‘guerreiro solerte’ hesita, primeiro, pensativo, ponderando a delicada empresa. Logo, no entanto, aquiesce em saciar a curiosidade de Arete, a quem, sobretudo, deve seu acolhimento, sob o teto do magnânimo Alcínoo. Lentamente, como se tivesse de buscar a memória na lonjura, Ulisses começa a contar: “Muito distante, no mar, vê-se uma ilha que Ogígia se chama, / onde mora a ardilosa Calipso, de tranças bem feitas, / filha de Atlante. É uma deusa terrível, com quem convivência / não tem criatura nenhuma, nem mesmo nenhum dos eternos”. (p.109)

Com este intróito, Ulisses inaugura o resumo da história de sua chegada à Ilha dos Feácios. Conta, primeiro, seus pesares, subjogado aos caprichos de Calíпсо, em Ogígia, de onde escapara, singrando o mar, durante dezessete longos dias, numa ‘balsa bem construída’. Relata, depois, seu espetacular naufrágio, último sobressalto da ira de Poseidon, atirando-o às costas escarpadas da Esquéria. Por último, a chegada à foz providencial do rio, rumo ao seu afortunado encontro com Nausícaa, que se lhe descobre ‘qual deusa inefável’ entre donzelas.

Durante esse cálido colóquio, Alcínoo reafirma a promessa que tinha feito, em público, ao herói errante: “Sobre a tua volta, fixei-lhe o momento, porque bem o anotes: / para amanhã; pois, enquanto dormires um sono profundo, / hão de cortar os mares brandos os meus homens, a fim de levar-te / à tua pátria e ao palácio, ou onde quer que te seja agradável, / mesmo que esteja situada mais longe que a Eubéia, / que é a mais distante de todas (...)” (p. 111)

Depois de escutar atentamente estas palavras alentadoras, Ulisses, prudente como de costume, eleva ao deus supremo do Olimpo os seus rogos – “Possas, ó Zeus pai, realidade tornar-se isso tudo que Alcínoo / me prometeu! Que na terra fecunda de trigo sua glória / seja infinita, e que eu chegue a alcançar meu país de nascença!”. / (p. 111)

Ao cabo deste longo dia, finalmente, o nosso herói volta a dormir profundamente. Graças à reviravolta súbita do seu destino, entretanto, não mais um naufrago, em cama áspera de folhas secas, mas, convidado de honra, sobre tapetes, velos macios e purpúreas almofadas. Ao abrigo das intempéries, embalado pela esperança do seu retorno e do próximo fim dos seus padeceres – “Dessa maneira dormia o divino e sofrido guerreiro / num leito belo e entalhado, debaixo da sala sonora” / (p.112)

## **O velho e o menino: ou, a perplexidade do viajante**

Logo das primeiras estrofes do Canto VII da Odisséia, veio a constituir-se, de forma tão discreta, quanto inesperada, um pequeno auditório, formado por apenas duas pessoas – um velho e um menino, que, soubemos mais tarde, eram, respectivamente, pai e filho do ‘ferreiro’.

Os dois tinham vindo juntos, numa embarcação, pilotada pelo mais velho, o qual tratou de fundeá-la, a pequena distância do batelão, onde recém iniciáramos a leitura homérica. Imaginei logo que desembarcariam em seguida e fiquei surpreso quando minha previsão falhou. De relance, vi que ambos se mantinham imóveis, nos respectivos lugares, sem o menor indício de que fossem deixar a canoa, dentro em breve.

Tratei de concentrar-me na leitura, prosseguindo, sem interrupção, até o último dos quinhentos e trinta e três versos que compõem os dois episódios da aventura de Ulisses na Ilha dos Feácios. A certa altura, o menino, incapaz de resistir mais um momento sequer aos mosquitos, que, neste fim de tarde abafadiço do Alto Juruá, tinham começado a enxamear, resolveu por fim a este assédio desferindo-lhes uma sonora saraivada de taponas.

Foi quando tive um segundo sobressalto. O velho tinha comandado silêncio ao neto, com um igualmente sonoro e prolongado psiu, manifestamente, para impedi-lo de provocar a eventual solução de continuidade da história do desventurado naufrago.

Continuei a ler, como se nada, aparentemente imperturbável, mas redobrando os cuidados com o desempenho vocal e rítmico. Um suspense vago, porém crescente, tomou conta da leitura. Como terminaria aquela situação insólita, perguntava-me, ao mesmo tempo em que recitava o texto homérico.

A resposta a esta questão, não poderia ter sido, nem mais singela, nem mais significativa: Quando anunciei o término da leitura, fechando o livro sobre um Odisseu placidamente adormecido, no palácio do Rei Alcínoo, nossos dois ouvintes, após uns instantes de silêncio, nos endereçaram um “Boa-noite!” murmurado. E, finalmente, abandonaram a canoa. Após os primeiros passos, barranco acima, entretanto, era possível escutá-los comentando o relato que tinham acabado de ouvir.

Também nós permanecemos calados, no batelão, por uns poucos minutos. Quanto a mim, eu estava, definitivamente, pasmo e, de certo modo, alarmado com o que nos tinha acabado de suceder. Ainda hoje me resulta difícil caracterizar este meu sentimento com clareza. Recordo, porém, com nitidez, que tinha algo de perplexidade, uma espécie de desconcerto ingênuo, que, de imediato, verbalizei na pergunta: - “O que foi que aconteceu aqui?!”

\*\*\*

Por breves momentos, duvidei da possibilidade de terem, os ouvintes, efetivamente, captado letra e enredo do poema épico. Tal possibilidade, vislumbrada na experiência da leitura, ter-me-ia parecido, antes dela, totalmente improvável. Estava, por assim dizer, vacinado pela malograda experiência do Hamlet recontado por Laura Bohannon aos Tiv, na selva.

A narrativa de Homero deveria, acreditava eu, ao contrário, causar estranheza, naquele tipo de público, tal como o imaginara, até então. Com seu léxico e sintaxe incomuns, cheio de expressões

inusitadas, bizarro, às vezes, com aquela sua reiteração de metáforas rebuscadas e apostos altissonantes, não podia senão afastá-lo. Pesava também neste sentido o contexto social e histórico dos feitos narrados, ou seja, a, para ele, desconhecida Hélade, onde viveram, lutaram, padeceram e morreram os heróis homéricos, cujas circunstâncias deveriam, portanto, resultar-lhe tão incompreensíveis quanto suas motivações.

Todas estas ‘hipóteses’, no entanto, podiam (e deviam) considerar-se refutadas, em virtude do êxito que havia tido a leitura pública da *Odisséia*, naquela distante curva do Alto Juruá. A estóica paciência do auditório, longamente exposto à sanha dos mosquitos, indicava, de forma inequívoca, o interesse suscitado pela apresentação a que atentamente assistira. O imperioso psiu do avô, ao repreender o neto, por sua involuntária irreverência ao rito da leitura, era outro indício, a seu modo eloqüente, de um bem sucedido ato de comunicação.

Descartada, pois, a suposta improbabilidade do fenômeno, não me restava senão enfrentar os esforços necessários para dar-lhe seu pleno sentido, no âmbito do meu primeiro, e muitas vezes sonhado, encontro com esse ente mágico dos etnógrafos – ‘o Campo’.

Neste sentido, a pergunta – “O que foi que aconteceu aqui?!” – feita em voz alta, não se dirigia apenas ao meu parceiro, cuja opinião, no entanto, me interessava extraordinariamente. Era dirigida, sobretudo, a mim mesmo, pois tinha a sensação de que, naquele episódio, se ocultavam lições capazes de desvendar-me, no futuro, o caminho do etnógrafo.

Assim, mergulhamos num colóquio tumultuoso, cheio daquela excitação intelectual resultante das descobertas afortunadas. José e o ‘ferreiro’, que tinham voltado de mãos vazias, lutaram com o motor até por volta da meia-noite, quando interromperam o trabalho, aparentemente, satisfeitos. Com uma pequenina chama de esperança no futuro imediato da viagem tratamos, então, de acomodar-nos para dormir, a bordo de nossa embarcação. Ela me parecia bem mais modesta e pobre, agora, por causa do brilho mágico que irradiava do palácio de Alcínoo, Arete e Nausícaa, e que continuava a incendiar-me a imaginação e o ânimo. Pouco antes de adormecer, descobri que invejava Ulisses.

Ao despertar, poucas horas depois, admirei longamente o alvorecer, que, com suas delicadas luzes, começava a banhar o vale do Alto Juruá, acendendo, uns após outros, os inumeráveis matizes da paisagem de rio e floresta. Quando, em meio a esse espetáculo, recordei, de repente, o primeiro verso do canto oitavo da *Odisséia* – “Logo que a Aurora, de dedos cor de rosa, surgiu matutina“, / (p.113) percebi que essa Expedição aos confins do Acre, para mim, já nunca mais seria a mesma.

O episódio da leitura tinha, neste sentido, marcado uma passagem, no que tange à qualidade da minha experiência. Essa transformação se refletiria ao longo de todas as peripécias que ainda estavam por vir, e que não seriam poucas. Durante as semanas subsequentes o seu impacto sobre a percepção do viajante se faria sentir de forma cada vez mais nítida. Ainda hoje não posso afirmar com segurança que efeito terá exercido sobre Tony Seeger. Posso, no entanto, supor que tenha influenciado suas cogitações, pois obtivera o grau de mestre em ciências sociais, na Universidade de Chicago, com um trabalho sobre a composição, estrutura e relevância da *Ilíada* e da *Odisséia*<sup>16</sup>.

Tive a sensação de que até ali havíamos chegado, literalmente, aos trancos e barrancos; nós e o nosso motor temperamental, que, reiteradamente, se recusava a trabalhar, talvez porque, sendo

---

16 Ver Seeger, 1970.

motor de ‘patrão’, desconfiasse das nossas intenções. Perdemos a porca da hélice; o platinado oxidou vezes seguidas; o motor, além de litros sem conta do precioso combustível, consumiu várias juntas; de quando em vez, parava, por causa de superaquecimento, ou não queria andar porque estava frio. Nas demoradas esperas, para consertá-lo, os piuns, carapanãs e cabos-verdes se fartavam com o nosso sangue. Tarde demais descobrimos que ele gostava de enguiçar perto das casas em que viviam ‘mulheres-damas’, distintas, em tudo, de Nausícaa e de suas servas ‘de tranças bem feitas’, às quais, no entanto, os rapazes faziam questão de prestar homenagens. Assim tinha vindo, até o momento crucial, de certa maneira pouco atento; impaciente, às vezes, com o monótono desenrolar da navegação; com os constantes chamados que, das margens, nos solicitavam, e não podiam ser desatendidos; com as constantes interrupções da marcha rio acima, portanto.

Até a leitura de Homero, convivi com um mal disfarçado desapontamento. Quase tudo, com exceção dos entardeceres gloriosos e dos dilúvios pluviais, me parecera, até então, mesquinho, falta de glamour, para uma expedição etnográfica como pretendia ser a nossa. A selva e o próprio rio ainda não tinham conseguido despertar a merecida atenção.

Deste dia em diante, porém, foi outro meu viajar, pois, graças à minha perplexidade, tinha agora uma questão de fundo para me guiar. Na verdade, eram apenas perguntas, que imprimiam à tarefa da observação um viés específico. Não me preocupava mais apenas com localizar os grupos indígenas; compreender seu modo de organização; contar suas roças e choças, buscando definir, a partir do seu modo de vida, o quantum de território lhes deveria caber, respectivamente. Desejava para além de tudo isto, compreender o que tornava plausível a inesperada e misteriosa capacidade de ressonância da Odisséia, naquele Extremo Ocidente brasileiro?<sup>17</sup> Que cordas do entendimento e do afeto tinha o epos homérico tocado, naqueles dois ribeirinhos do Alto Juruá? E como tinha ele conseguido esta façanha, à primeira vista, tão improvável? Foram estas as questões preponderantes para mim, ao longo de todo o resto da viagem.

Assim comecei a procurar elementos que me permitissem responder às minhas perplexidades. Foi necessário ter paciência, pois não era possível obtê-los, todos, de uma só vez. Eles foram, ao contrário, aparecendo, uns atrás dos outros, ao longo dessa peregrinação aos confins.

A Amazônia era um mundo de águas, que, durante a estação chuvosa, se espraiavam em dédalos inextricáveis ao redor de ilhas formadas pelas ‘terras firmes’. Não obstante as diferenças que, em seu quadro natural, a distinguiam dos mares da Odisséia, os dois universos, o marítimo e o fluvial, tinham em comum a clara noção dos perigos que, em ambos os casos, rondavam o navegante.

Poucas horas atrás, tinha visto, talvez ainda sem a devida apreciação, uma verdadeira proeza náutica. Aproveitando uma esplendorosa noite de lua, os dois irmãos barqueiros nos tinham proporcionado uma exibição da praticagem noturna. Navegar naquelas condições requer habilidades específicas. É necessário, por exemplo, ter na memória um mapa do rio, com suas ‘voltas’, ‘estirões’, ‘canais’, ‘corredeiras’, e ‘remansos’. Além disso, no entanto, é preciso ter um olhar escolado, capaz de uma dupla operação de leitura: primeiro da superfície, para situar a embarcação no seu curso, avaliando distâncias e escolhendo as manobras mais adequadas às manhas do rio; depois uma segunda leitura, complexa, indispensável de dia, e mais ainda durante a noite. Ela consiste em decifrar as águas em movimento, detectando o que nelas está inscrito sob a forma de sintomas. Um encrespar-se das águas; um plano inteiramente liso e espelhado; um rodaminho em

---

17 O termo aparece na literatura sobre a área (Cf. Barros, 1993)

processo de deslocamento; pontos em que a água borbulha como uma espécie de magma denso; inflexões inusitadas da correnteza; tudo isso são signos cuja interpretação desafia a hermenêutica de ‘motoristas’ e ‘timoneiros’.

Fugir dos tocos submersos, plantados ou em movimento; aproveitar as correntezas favoráveis, evitando, no entanto, aquelas cuja força é desproporcional à potência do motor; fugir dos baixios, onde o barco poderia encalhar; e encontrar passagens em que águas ofereçam menos resistência, é responsabilidade dos ‘barqueiros’. Um simples erro de avaliação pode levar a um naufrágio.

Apesar de sua lentidão, o Juruá é perigoso; não só em virtude de suas águas traiçoeiras, mas também por causa dos predadores que o habitam – dos jacarés e das sucurijs, ou mesmo, em certos lugares, das piranhas. Além disso, é freqüente, nas conversações, a referência a monstros míticos, como a ‘mãe d’água’; a ‘cobra grande’; o ‘boto’, e a outros exemplares da zoologia fantástica da Amazônia.

Os perigos, no entanto, não se limitavam à navegação. Como fomos descobrindo, passo a passo, a própria natureza humana podia revelar-se, de modo inopinado, em toda a sua crueza e brutalidade, cega e dura como a mão do destino.

Nos bailes, por exemplo, homens, mais ou menos embriagados, disputam as sempre escassas mulheres<sup>18</sup>. Sob a luz incerta dos candeeiros, os casais dançam envoltos pela névoa de tabaco forte, ao som de instrumentos toscos. Por vezes, um simples cabo de vassoura serve para marcar o ritmo. Nessas horas, as peixeiras e espingardas, ocultas em algum lugar à mão, fazem as suas súbitas, e, com freqüência, fatais aparições. Foi esta, ao menos, a memória que me ficou, e que de certo modo nem é minha, pois o ingresso nesses bailes, soturnos e sangrentos, só nos foi franqueado nas narrativas dos nossos barqueiros e seus eventuais ‘caronas’, durante a subida do rio. As descrições que fizeram, descritos com profusão de cores e detalhes, destinavam-se a reforçar sua peremptória negativa quando lhes pedíamos que nos levassem também com eles, “só para ter uma idéia”.

Por toda parte era possível encontrar marcas de violência. Ela era evidente, por exemplo, na ferocidade com que os régulos dos paranás defendiam seus respectivos territórios contra os ‘regatões’, garantindo a exclusividade dos contratos de aviamento, escravidão por dívida característica dos seringais. Violentos eram, igualmente, os conflitos resultantes da ‘grilagem’ de terras. E a luta pelas estradas de seringa, velha como a ocupação do Acre, ainda se manifestava, como ouvimos dizer. A avidez de madeiras de lei fazia correr tanto sangue quanto o garimpo e a cobiça das mulheres, nem todas elas ‘de lei’. Por toda parte, imperava a justiça privada do clavinote, da catana e da peixeira; e as fauces de jacarés e piranhas não eram sepulturas incomuns na região.

Muitas tensões e contendias que existiam no Alto Juruá, às vezes num enganoso estado de latência, tinham que ver com a diversidade dos grupos e interesses, que aí se defrontavam. Seus modos de vida, identidades, negócios, ambições e procedências, entretanto, não os livravam do fado comum de todos os ribeirinhos – constantes, longas, e sempre arriscadas, viagens fluviais.

O matiz épico, que todas estas circunstâncias rudes e arriscadas conferem à vida dos ribeirinhos do Juruá, de nada nos vale quando nos interrogamos sobre os efeitos da declamação das peripécias de Ulisses na ‘amorável Esquéria’. Os cantos seis e sete? O naufrágio do desafortunado Odisseu,

---

18 Dados referidos pelo Gal. Belarmino indicam que esse desequilíbrio entre os sexos, na população do Alto Juruá (Cf. Mendonça, 1989, p. 124).

recém liberto de Calipso; ou a visita ao País dos Lestrigões, devoradores de homens; ou, ainda, o implacável extermínio dos pretendentes da fiel Penélope, além de outros episódios da Odisséia, melhor que eles, poderiam remeter-nos a estas circunstâncias.

As aventuras de Ulisses na Ilha dos Feácios estabelecem outro ponto de vista, menos glamuroso, talvez, porém não menos significativo e eloqüente quando se trata da vida ribeirinha, como a encontramos no Alto Juruá. Além da morte (e da escravidão), os riscos e rigores da viagem eram, nesse meio avassalador de rios e florestas, os grandes niveladores dos homens, pois todos eles, independente de sua condição estrutural ou conjuntural, tinham, aí, de curvar-se ao caráter obrigatório da hospitalidade.

É bem verdade que se podia dormir a bordo do batelão, como o tínhamos feito até então, e eventualmente voltaríamos a fazer depois, premidos pelas circunstâncias. Na maioria das ocasiões, porém, fui acolhido sob o teto de alguém. Nunca sem antes solicitar-lhe ‘arrancho’, sem pedir ‘licença para passar a rede’, fórmula que iria garantir-me a acolhida, não apenas nas casas de ‘regionais’, moradores das margens do Juruá, senão também nas pequeninas aldeias dos Asháninka, no vale do Amônea e no Igarapé do Breu.

Em todas essas ocasiões, subseqüentes, as coisas se sucediam quase invariáveis. O primeiro passo era o arrancho solicitado e concedido. Em seguida, vinha a recepção ao pé do fogo, no centro da casa; ou das casas, quando formavam aldeia. Depois chegava a vez da comida e da bebida ofertadas, segundo as possibilidades da casa, com fartura. À refeição sucedia a conversação: as perguntas relativas ao hóspede, interessadas, curiosas com cortesia; os recados trazidos de rio abaixo; as notícias de Cruzeiro do Sul, ou Rio Branco, ou (por que não?) do Rio de Janeiro e de Brasília; e, sempre, os relatos, entre os quais eram freqüentes as histórias de naufrágios, além de seres e acontecimentos maravilhosos. Por fim, o convite para recolher-se, sob o teto dos anfitriões – a hora de passar a rede e deitar-se a dormir. Em todas essas oportunidades houve troca de dádivas – ovos, leite fresco, doces e sardinhas em lata, pacotes de açúcar, macaxeira, frutas, pacotes de sal, latas de óleo de cozinha, peças de vestuário, remédios, e lápis de cor, na hora da partida.

A única vez em que vi este código da hospitalidade violado foi durante a minha presença na aldeia asháninka do velho Samuel, no Amônea, quando da chegada de duas partidas de ‘madereros’ peruanos que, sem solicitação de ‘arrancho’, decidiram acampar, na aldeia, para passar a noite. Presenciei, então, o reverso da hospitalidade – a chegada do conquistador. Em face dela, um pesado silêncio se abateu sobre o minúsculo povoado de meus anfitriões, que imediatamente desapareceram em suas casas<sup>19</sup>.

O Alto Juruá revelou-se, no decorrer da Expedição, um território marcado pela confluência de identidades, sociais e étnicas. ‘Índios’ não havia, pois, como não tardamos em descobrir, esse termo só se aplicava aos ‘bravos’. Havia sim ‘caboclos’, em diversos lugares da região. Os mesmos, basicamente, já encontrados, no início do século passado, pela Expedição do General Belarmino de Mendonça ou seja – Amahuaca, Kaxinauí, Yamináua-Arara, Asháninka (Kampa)<sup>20</sup>, .

Além deles, havia os ‘regionais’, ou ‘caríu’, como eram chamados pelos anteriores. Dentre estes últimos, era possível distinguir a categoria específica dos ‘peruane’ – muito temidos pela

---

19 A apresentação das credenciais do Governo Federal – FUNAI – Ministério do Interior, foi decisiva, neste caso, mas o rito da entrevista formal teve seu impacto sobre esses visitantes

20 Mendonça, 1989, p. 31 e 108.



‘kamparia’, por sua fama de ladrões de mulheres. Dentre os ‘regionais’ singularizavam-se, por sua vez, os recém chegados ‘paulistas’, termo que servia para designar coletivamente gaúchos, catarinenses, paranaenses e paulistas propriamente ditos, diferenciando-os dos ‘cearenses’, imigrantes antigos, fugidos das desoladoras secas da década de 1870.

Este elenco, porém, estava longe de esgotar a tipologia dos forasteiros que freqüentavam o Alto Juruá. Menos numerosos, talvez, mas não menos conspícuos e relevantes, nesse quadro, eram os padres e missionários, com os quais chegamos a ser, eventualmente, confundidos. Não me sai da memória, neste sentido, a estupefação de Tony, quando, contrito, um ribeirinho tentou beijar-lhe as mãos, para pedir a benção do “reverendo”, e que, por caridade, oficiasse, no local, os ritos sagrados das viagens de desobriga. Além dos pastores de almas, estavam presentes os também indefectíveis caçadores de tesouros, sob as espécies de garimpeiros e geólogos. Encontrei mesmo um auto-declarado ‘caçador de aventuras’ na pessoa de um jovem suíço, que descia o Amônia de caiaque. Com ele, pretendia chegar ao Rio de Janeiro, ainda a tempo de ver o Carnaval, como tratou de explicar-me num alemão difícil de acompanhar. Por fim estávamos, nós mesmos, como estrangeiros profissionais, em trânsito por este universo vasto, complexo e selvático, ainda hoje cheio de perigos e mistérios, antigos alguns, outros modernos...

Em face disso tudo, Ulisses resulta, ao fim e ao cabo, um personagem tão plausível e pertinente no mundo de selvas e caudais do Alto Juruá, quanto no universo dos mares e ilhas do Mediterrâneo antigo. O mesmo se pode dizer, igualmente, das histórias que constituem o enredo de sua epopéia.

### **A súplica: ou, hospitalidade e narrativa**

Navegante e náufrago, estrangeiro errante, depois, hóspede-amigo, Ulisses é, da Chegada à Ilha dos Feácios até a Entrada no Palácio de Alcínoo, um homem que sua condição, mais do qualquer outra, condena à súplica. Seu papel no enredo deste drama épico, antes de ser o do hóspede, é, essencialmente, o do suplicante.

Nada menos do que seis vezes, ao longo dos dois cantos, a situação da súplica se apresenta ao prudente Odisseu. Da primeira, apenas como uma idéia aventada pelo herói, atônito diante da beleza e graça de Nausícaa; a consideração de uma possibilidade – abraçar ou não os joelhos da donzela. Da segunda, foi, ainda, uma ação a medias, um gesto insinuado com palavras, mas não realizado. Quando lhe aparece pela terceira vez, vem sob o aspecto de um conselho da princesa, no afã de vê-lo acolhido ao lar paterno. Oculto na penumbra dos álamos de Atena, o forasteiro se vê, outra vez mais – a quarta já – compelido à súplica, quando decide rogar, à sua divina amiga e protetora, que lhe conceda a amizade dos ilhéus. A súplica inteira – gesto e palavra – Ulisses a dirige, finalmente, a Arete, inaugurando, assim, o rito da acolhida, que através da comensalidade cerimonial (com brindes a Zeus, patrono dos nobres mendicantes), culminará no anúncio da concessão plena e expedita da graça solicitada.

A súplica é classificada pelo teatrólogo francês Georges Polti como a primeira das trinta e seis situações dramáticas, sendo, talvez, uma das mais expressivas, dentre elas, aquela que, segundo ele, a arte, no mundo moderno, parece ter esquecido<sup>21</sup>. É uma das três possíveis configurações dos elementos dinâmicos desta situação refere-se, justamente, à ‘hospitalidade solicitada pelo náufrago, como em Nausícaa e Os Feácios, de Sófocles, e, muito antes dele, em Homero, nos Cantos VI e VII da Odisséia.

---

21 Polti, 1973 [1916], p. 13-16.

Mola mestra do rito de acolhida, a súplica desencadeia as formas elementares de toda hospitalidade, no exato momento em que se articulam os apelos do estrangeiro, em estado de destituição – sem eira, nem beira, nem ramo de figueira. No personagem e na história de Ulisses encarna-se, desse modo, um paradigma radical, não apenas da cultura especificamente Ocidental e Cristã, senão, possivelmente, uma forma inter-cultural e trans-pessoal, “supremo instrumento [do processo social] para unir ‘valores’ e ‘metas’, numa espécie de gnose sociológica vivida”<sup>22</sup>

As aventuras de Ulisses na Ilha dos Feácios constituem, neste sentido, dentro desse livro de viagem que é a Odisséia, uma espécie de ‘poema da hospitalidade’, acoplado à epopéia do estrangeiro. A leitura da Odisséia, no Alto Juruá, revela-se, sob este aspecto, como grande memento dos princípios, códigos, valores e escolhos da hospitalidade, como forma fundadora, no quadro das instituições humanas. O ponto de vista estabelecido, a partir daí, conferiu aos gestos quotidianos da hospitalidade uma espécie de aura que os fazia mais belos, até mesmo em sua modéstia. Assim permaneceram perenes na memória, como estações dessa viagem, inesquecível, fascinante e formadora.

Quando pensava em tudo isso, ocorreu-me que as duas viagens, a minha e a de Ulisses, eram sob certos aspectos opostas, porém complementares. ‘O solerte guerreiro’ retornava, carregado já do seu lote de histórias, suas experiências, de guerra, amor, e sofrimento. Eu, ao invés, seguia em busca daquele Outro, que, fiel à missão e, para além dela, à vocação, esperava encontrar nos Altos do Juruá, quando naquela fatídica curva de rio, os nossos caminhos se cruzaram.

E veio, então, aquela ingênua, quase tola perplexidade de principiante, que, desde então, confesso, em penitência. Sempre quando torno a contar a história da performance das Aventuras de Ulisses na Terra e Cidade dos Feácios, narradas naquela tarde sufocante e pouco auspiciosa, às margens do Juruá, o meu estranhamento volta a embaraçar-me. Talvez porque me veja diante de um flagrante auto-esquecimento. Com efeito, os mesmos motivos que, segundo pensava, impediriam a recepção das histórias de Ulisses pelos nossos dois ouvintes, deveriam ter-me afastado, também a mim, do drama épico da Odisséia.

Quê sabia o menino de então da longa e cruenta guerra travada ao pé das muralhas de Ílion ‘sacra’. Que podia saber do rapto da lindíssima, porém adúltera Helena? Que sabia ele dos intrincados fatos genealógicos em que se uniam, e desuniam, os ‘simples mortais transitórios’, tanto quanto os ‘deuses eternos’ do Olimpo? E da Hélade, com seus mares e ilhas, que idéia poderia ter? Das distintas gentes, com seus modos excêntricos de falar, seus nomes e epítetos inusitados? Nada ou quase nada. Mas nem mesmo este Nada tinha impedido o fascínio que sobre ele exercera, imediatamente, este livro cujos temas centrais são a viagem e o viajante.<sup>23</sup>

A receptividade evidente na escuta de avô e neto, e a minha atônita incredulidade diante dela, resumem uma experiência muitas vezes repetida. A cada tanto, um jovem etnógrafo, como eu naquela época, vai buscar o Outro e sai tosquiado, porque se depara com o Mesmo. Onde esperava encontrar a distância estrutural, descobre, graças ao rito de acolhimento, a comunidade essencial da condição humana, de que fazem parte o caminho, o destino; o sofrimento e a alegria; a vida e a morte, simplesmente. Sim, pois a morte é também o pano de fundo da experiência etnográfica.

---

22 Turner, 1982: 86.

23 Cf. Baslez, 1984: 31.

Dentre os homens condenados à sina do forasteiro, os etnógrafos são, talvez, aqueles que mais dependem da hospitalidade. E dependem duplamente, porque com seus anfitriões não querem compartilhar apenas abrigo e alimento, mas também histórias, e, com elas, as experiências, dramas e peripécias das pessoas. Esses relatos são, para o etnógrafo, meios indispensáveis para um bem sucedido regresso ao lar.

A situação da hospitalidade tem o condão de estabelecer, embora temporariamente, uma relação simétrica entre o nativo e o estrangeiro. O nosso próprio caso ilustra bem esse poder nivelador da hospitalidade. Nossa condição, por modesta que nos parecesse, era, no entanto, aos olhos daqueles que nos recebiam, para além de qualquer dúvida, prestigiosa.

Para eles surgíamos banhados naquele nimbo que envolvia, nessa longínqua, brava e tão duramente disputada fronteira, os enviados do Governo federal. Ser um 'federal' significava estar acima do mundo dos 'simples mortais transitórios', numa outra esfera, mais brilhante, porque mais próxima do 'Zeus poderoso', em seu Olimpo brasileiro.

Apesar de tudo isto, a entrada na intimidade do lar pó do grupo, compartilhar sua vida, ainda que de modo fugaz, é algo tem de ser apropriadamente requerido, segundo os trâmites da anfitriãoia. De um modo, ou de outro vamos encontrar aí a súplica. Felizmente, pois é ela que inaugura a incorporação equalizadora, característica da hospitalidade, como esclarece eruditamente Émile Benveniste.<sup>24</sup> A partir dela começa a constituir-se, entre hóspede e anfitrião, o laço sagrado da igualdade essencial dos homens, pelo seu destino comum de 'humanos mortais transitórios'.

A narrativa é, por sua vez, equalizadora. Também neste sentido, a narrativa e a hospitalidade constituem formas profundamente irmanadas. Narrar é compartilhar experiências: "Porque é na narração que o ouvinte se dá conta de que deve 'dar conta' da experiência narrada, porque se é verdadeira experiência narrada é sua experiência. Pela narração há compaixão"<sup>25</sup>.

Este momento mágico tende a atualizar-se, sobretudo, na hospitalidade e no relato. Sua magia, porém, consiste no esquecimento. No auto-esquecimento, mais precisamente, pois, como recorda Walter Benjamin<sup>26</sup>, em seu magistral ensaio sobre O Narrador: "Quanto mais esquecido de si mesmo está aquele que escuta, tanto mais profundamente sua memória se impregna do que escutou".

A observação, a compreensão e a assimilação consciente de todas as virtualidades positivas dessa confluência entre a hospitalidade e a narrativa, foi, como vejo agora, a minha iniciação à disciplina antropológica, não apenas como campo de conhecimento, mas como uma atitude diante da diferença.

### **Epílogo: Os passos perdidos e encontrados**

Antes de pisar o solo acreano, onde tudo que se relatou acima viria a suceder, justo quando o avião se preparava para pousar no aeroporto de Rio Branco, terminei a leitura de um romance, que havia trazido comigo como antídoto para os momentos de tédio, que se insinuam nos interstícios das viagens.

---

24 Benveniste, 1995, p. 87-101.

25 Mélich, 2000, p. 134.

26 Benjamin, 1998, p. 213.

Era do cubano Alejo Carpentier, que sob o título de *Los Pasos Perdidos*, narra a epopéia de um sul-americano, civilizado pelos ares de Paris, em sua busca das origens da música. No Velho Mundo, um antigo professor, o havia comissionado generosamente para executar esta missão, enviando-o para as cabeceiras de um grande rio amazônico, onde acreditava se pudesse encontrá-las.

Ao embrenhar-se, mais e mais, em sua aventura fluvial, o sul-americano e sua namorada francesa foram se distanciando um do outro, até que a moça adoece do excesso de sol e picadas de mosquito, e toma o caminho de regresso ao mundo civilizado. Durante a sinuosa trajetória, rio acima, o agora solitário herói conhecera uma nativa, bela morena de nobres traços e personalidade telúrica. Seu interesse por ela vai crescendo, mas falta-lhe coragem e astúcia para abordá-la com assuntos de amor. Sente-se inseguro, desajeitado, indeciso. Teme interpretar erroneamente os sinais desse universo, estranho, após tantos anos de exílio, no centro da civilização. Assim, as ocasiões surgem e se perdem em seguida.

Novamente, perplexo e embaraçado, diante de mais uma delas, um buscador de diamantes, seu companheiro de viagem, surpreende-o com um conselho inesperado – “Anda e não temas” – disse então o grego, como recitando uma lição – “que o homem se é audaz, tem mais sorte no que faz, ainda quando vindo de outra terra”.<sup>27</sup>

Eis, finalmente, a pedra angular! A grande lição contida nestes versos do Canto da Odisséia. Dentre os muitos passos que esperam o etnógrafo, ao longo do caminho, serão perdidos apenas aqueles que desconhecem os ritos da hospitalidade, a começar pela súplica, sem abraçar joelhos, talvez, mas sempre conscientes do seu significado para a nossa missão.

Graças a eles nos tornamos, por via de um pacto ritual, os iguais de nossos anfitriões. Pois só como iguais podemos ter a esperança de não mais incorrer no pecado capital da subestima do Outro. Ninguém é tão diferente que não possa ser compreendido, ou compreender-nos. Na *communitas* niveladora da hospitalidade e da narrativa está a matriz dos diamantes etnográficos. Estou seguro de que o velho e o menino estavam à altura dessa lição, ouvida e revivida. Para mim significou, desde então, uma alteridade percebida, nunca como fronteira infranqueável, como mundo irremediavelmente imerso nas suas relatividades. Mas como oportunidade para por à prova minha capacidade de pedir, receber e retribuir, como ‘humano mortal transitório’, entre seus iguais.

A viagem ao Alto Juruá foi, neste sentido, a minha *Bildungsreise* como antropólogo. Não apenas pelo contato com este mundo natural e social, para mim, extraordinário, mas porque me proporcionou o regresso ao Paraíso da Amorável Esquéria<sup>28</sup>, refúgio infantil e prospecto de vida.

## **Bibliografia**

BARTOLOMÉ, Leopoldo J. Antropología y antropólogos según Leopoldo J. Bartolomé. *AVÁ Revista de Antropología*, nº 8, diciembre, 2005. (07 – 13)

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto Librar el Camino. *Relatos sobre antropologia y alteridad*.

---

27 Carpentier, 1979, p. 114 – 137.

28 Em seu Prefácio à Odisséia, Eckart Peterich assinala a Esquéria como, aquele paraíso sobre o qual os Helenos tinham representações míticas e teológicas bastante precisas, identificando-o como uma das Ilhas Afortunadas. (Peterich, 1961, p. 15-16)

México/DF: Conaculta-INAH y Miguel Angel Porrúa, 2002.

BARROS, Glimes Rego (Gal.). *Nos Confins do Extremo Oeste*. O Alvorecer do poente acreano. (2 vols.) Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993

BASLEZ, Marie-Françoise. *L'Étranger dans La Grèce Antique*. Paris : Les Belles Lettres, 1984.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas – Volume I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998 (p.197 – 221)

BENVENISTE, Émile. A Hospitalidade. In: *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias*. Volume I – Economia, Parentesco, Sociedade. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1995. (pp.87-101)

BÉRARD, Victor. *L'ODYSSÉE d'Homère*. Étude et Analyse. Paris: Éditions Mellottée, 1945.

\_\_\_\_\_. *La réssurrection d'Homère (I)*. Au temps des héros. Paris : Bernard Grasset, 1930.

\_\_\_\_\_. *La réssurrection d'Homère (II)*. Le drame épique. Paris : Bernard Grasset, 1930.

\_\_\_\_\_. *L'ODYSSÉE (Tome I) – Préface – Le Voyage de Télémaque*. Paris: Les Belles Lettres, 1925.

BRADFORD, Ernle. *Reisen mit Homer – Die Wiedergefundenen Inseln, Küsten und Meere der Odyssee*. Bern und München: Scherz Verlag, 1984.

CARPENTIER, Alejo. O Buscador de Diamantes. In: *Os Passos Perdidos*. São Paulo: Brasiliense, 1979 (114 – 137).

DE ROMILLY, Jacqueline. *Homère*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985 ; Coll. Que sais-je?

HOMERO. *A Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, s/d (3ª edição, definitiva)

MÈLICH, Joan-Carles. “Narración y hospitalidad”. *Anàlisi*, 25, 2000 (129 -142)

MENDONÇA, General Belarmino. *Reconhecimento do Rio Juruá (1905)*. Belo Horizonte: Fundação Cultural do Estado do Acre e Editora Itatiaia Limitada, Coleção Reconquista do Brasil (2ª Série), 1989. (361 pp)

PETERICH, Eckart. Vorwort. In: *Homer Odyssee*. Deutsch von Johann Heinrich Voss. München – Zürich: Droemersch Verlaganstalt Th. Knauer, 1961

PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. In: *The Fate of Schechem, or the Politics of Sex*. Essays in the Anthropology of the Mediterranean. Cambridge: Cambridge University Press, 1977; cap. 5)

POLTI, Georges. *The Thirty-Six Dramatic Situations*. Boston: The Writer, Inc. Publishers, 1973 [1916]

SEEGER, Anthony. *The Iliad and the Odyssey of Homer: Composition, Structure and Relevance*. M.A. Thesis (Social Sciences) University of Chicago, 1970.

SISKIND, Janet. *To Hunt in the Morning*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

TURNER, Victor W. Social Dramas and Stories about Them. In: *From Ritual to Theatre. The Human Seriousness of Play*. New York: PAJ Publications, 1982. (61 – 87)